



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE BRAGANÇA
INSTITUTO DE ESTUDOS COSTEIROS

ANTONIA JAMILLE SANTOS BIZERRA

**(DES)ENCONTROS ENTRE EXPECTATIVAS NA EJA E REALIDADE
DAS VIVÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

BRAGANÇA-PA

2023

ANTONIA JAMILLE SANTOS BIZERRA

**(DES)ENCONTROS ENTRE EXPECTATIVAS NA EJA E REALIDADE DAS
VIVÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto de Estudos Costeiros, *Campus* de Bragança, como requisito para obtenção do título de graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas.

Orientadora: Prof. Dra. Rafaela Lebrege Araujo.

BRAGANÇA-PA

2023

ANTONIA JAMILLE SANTOS BIZERRA

**(DES)ENCONTROS ENTRE EXPECTATIVAS NA EJA E REALIDADE DAS
VIVÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto de Estudos Costeiros, *Campus* de Bragança, como requisito para obtenção do título de graduação em Licenciatura em Ciências Biológicas.

Data da Aprovação: __/__/__

Banca Examinadora

Profª. Dra. Rafaela Lebrege Araujo (Orientadora)

Universidade Federal do Pará

Profª. Dra. Lilliane Miranda Freitas

Universidade Federal do Pará

BRAGANÇA-PA

2023

RESUMO

O Estágio Supervisionado é marcado pela relação entre teoria e prática e a construção de memórias com os sujeitos da escola, momento essencial para a compreensão e reflexão de aspectos pertinentes ao campo de atuação profissional, contribuindo para a construção de identidades docentes e o desenvolvimento de práticas educativas. Neste relato trazemos nossas experiências de estágio, enfatizando os processos formativos presentes na formação inicial. As experiências vividas permeiam inúmeras reflexões acerca dos anseios, expectativas e lacunas existentes durante nosso percurso como estagiários na EJA. As vivências atravessam desde a busca e o primeiro contato com a EJA, passando pelas práticas educacionais da professora colaboradora, até as relações entre a universidade-escola, que implicam em subsídios para o fazer pedagógico. Apesar dos (des)encontros que marcaram nossa identidade como docentes em formação, pontuamos a importância destas experiências para refletir criticamente acerca do percurso formativo, quer seja de exemplos e/ou contraexemplos para se inspirar.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Experiências Formativas; Educação de Jovens e Adultos.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO DA PESQUISA	
6	
ANEXO 1 - ARTIGO	8
ANEXO 2 - CERTIFICADO	
21	

APRESENTAÇÃO

O presente trabalho tem como objetivo ser utilizado como obtenção de nota para o Trabalho de Conclusão de Curso e foi desenvolvido ao longo do Estágio Supervisionado, nas turmas da EJA de uma escola pública e seu objetivo é relatar as experiências de estágio docente, enfatizando os processos formativos que envolvem a nossa formação inicial. Diante desse contexto, o artigo foi apresentado no evento III Encontro Regional de Ensino de Biologia- Norte (Erebio), que ocorreu na cidade de Macapá-AP, nos dias 30, 31 e 01 de setembro, e em breve será publicado no formato de E-book.

As ponderações da pesquisa foram introduzida como “Iniciando o nosso percurso na EJA” e desenvolvidas como “Experiências que tocam, atravessam e transformam”, na qual as experiências foram relatadas no decorrer dos tópicos: (Des)encontros na busca por estágio e contato com a EJA, Ressignificando práticas e (re)construindo identidade docente, o Papel do professor na construção de momentos/espços significativos e Ultrapassando muros e barreiras entre escola-universidade; além dos aspectos conclusivos. Nesse sentido, as indagações, lembranças, reflexões e ressignificações enquanto professora em formação foram externadas ao longo do desenvolvimento do texto.

A motivação partiu dos inquietamentos e desencontros experienciados durante o estágio nas turmas da EJA, pois observamos o quanto este público é marginalizado, seja pelo poder público até as oportunidades de desenvolvimento através dos processos de ensino-aprendizagem. Nesse viés, as vivências nas duas turmas que acompanhei foram essenciais para tirar-me da zona de conforto, especialmente, os caminhos permeados de subjetividades que somaram na minha construção como docente.

Durante a graduação temos quatro estágios obrigatórios: Estágio em espaços não formais, Estágio no Ensino Fundamental (o primeiro contato com a sala de aula para a maioria dos alunos), Estágio na EJA e finalizamos com o Estágio no Ensino Médio. No decorrer das imersões nos espaços escolares, vivenciamos e consideramos o quanto esses estágios é um espaço importante para entender e experienciar as diversas possibilidades de aprendizagem na formação de professores, além de proporcionar a prática dos conteúdos teóricos e práticos construídos ao longo da graduação. Desse modo, foi no âmbito dos

estágios nas escolas que encontrei-me e decidi que é esse o caminho que quero para a minha vida, mesmo reconhecendo os inúmeros obstáculos que permeiam a sala de aula.

Partindo dos encontros proporcionado pelo estágio, decidi buscar por mais oportunidades para permanecer na escola e escolhi participar da Programa Residência Pedagógica, na qual venho desenvolvendo, atualmente, atividades como: elaboração de planejamento, regências, atividades, participação dos eventos da escola e construção de materiais didáticos. Para além dessas atividades, as trocas com os pares, com os sujeitos que fazem parte desse processo estão sendo essenciais para o desenvolvimento da minha identidade como educadora, bem como o sentimento de pertencimento que faz-se presente nas turmas que frequento.

Tenho um carinho grande por esse trabalho, visto que, ele foi minha primeira produção científica para um evento, foi minha primeira participação em um evento, foi a primeira vez saindo do estado e a primeira vez andando de avião. Logo, como não sentir um carinho genuíno por ele, sendo que o mesmo, rendeu-me inúmeras oportunidades e primeiras vezes. Essa pesquisa é fruto de muita reflexão, renúncia, cansaço, assim, como todas as outras, mas, a considero como um filho amado.

O capítulo que estou escrevendo na minha trajetória profissional, está marcado por encantamentos, responsabilidades, reflexões e certezas e só está sendo possível devido ao mergulho que estou fazendo nos mares calmos e por vezes agitados da educação. Ser educador é experimentar inúmeras interfaces educacionais para que o exercício da profissão seja pleno e afirmo, que estou finalizando essa etapa repleta de subjetividades de forma plena, principalmente pelas marcas que estou deixando nos alunos, e, acima de tudo, as marcas e memórias que os alunos estão deixando na minha caminhada.

(DES)ENCONTROS ENTRE EXPECTATIVAS NA EJA E REALIDADE DAS VIVÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

**Antonia Jamille Santos Bizerra 1; William Lima da Costa 2; Rafaela Lebrego
Araújo 3**

1 Universidade Federal do Pará (UFPA); jamillesantos335@gmail.com; 2 Universidade Federal do Pará (UFPA); williamlinns000@gmail.com; 3 Universidade Federal do Pará (UFPA); rlebrego@ufpa.br

RESUMO

O Estágio Supervisionado é marcado pela relação entre teoria e prática e a construção de memórias com os sujeitos da escola, momento essencial para a compreensão e reflexão de aspectos pertinentes ao campo de atuação profissional, contribuindo para a construção de identidades docentes e o desenvolvimento de práticas educativas. Neste relato trazemos nossas experiências de estágio, enfatizando os processos formativos presentes na formação inicial. As experiências vividas permeiam inúmeras reflexões acerca dos anseios, expectativas e lacunas existentes durante nosso percurso como estagiários na EJA. As vivências atravessam desde a busca e o primeiro contato com a EJA, passando pelas práticas educacionais da professora colaboradora, até as relações entre a universidade-escola, que implicam em subsídios para o fazer pedagógico. Apesar dos (des)encontros que marcaram nossa identidade como docentes em formação, pontuamos a importância destas experiências para refletir criticamente acerca do percurso formativo, quer seja de exemplos e/ou contraexemplos para se inspirar.

Palavras-chave: Estágio Supervisionado; Experiências Formativas; Educação de Jovens e Adultos.

Eixo temático: Formação de Professores de Ciências/Biologia.

(DIS)AGREEMENTS BETWEEN EXPECTATIONS IN EJA AND THE EXPERIENCE'S REALITY: EXPERIENCES IN THE SUPERVISED TEACHING PRACTICE

ABSTRACT

The Supervised Teaching Practice is understood by the relationship between theory and practice, and also a construction of memories with people at school, an essential moment for understanding and reflection on aspects of the professional practice, supporting the construction of a teacher's identity and the development of educational practices. This report brings our teaching practice experience, emphasizing

training experiences present in our initial training. The experiences are full of uncountable reflections about the needs, expectations, and gaps we identified during the journey as trainee teachers in EJA. The experiences we have lived through begin from the search and first meeting with EJA, going through the educational practices of the teacher from school, and include the relationship between university-school, which has an impact on the teaching practices. Although these (dis)agreements have impacted our identity as teachers in training, we have to mention the importance of experiences like that to reflect critically on the training journey, with exceptional or disappointing examples to be inspired by.

Keywords: Supervised Teaching Practice; Training Experiences; Youth and Adult Education.

INICIANDO NOSSO PERCURSO FORMATIVO NA EJA:

O Estágio Supervisionado (ES) é marcado por ser o momento em que colocamos em prática as habilidades construídas nas disciplinas teóricas de caráter específico e pedagógico, bem como oportuniza articularmos os conhecimentos decorrentes da universidade à realidade escolar em que estamos inseridos (SANTANA; SANTOS; SILVEIRA, 2020). Essa jornada nos marca/marcou com muitas experiências e reflexões acerca da nossa própria prática e do fazer pedagógico do professor mais experiente que acompanhamos. Dessa forma, concordamos com Sousa, Indjai e Martins (2020, p. 2) quando estes afirmam que:

“O Estágio Supervisionado é considerado elemento essencial ao estagiário na promoção de espaços-tempos de aproximação com a realidade da educação básica, bem como por favorecer a compreensão do todo fazer pedagógico, por meio da inserção em escolas e a vivência com professores da rede”.

Considerando que nossas atividades eram desenvolvidas no turno da noite, viver o estágio é experienciar emoções diversas, pois a cada noite de observação se faziam presentes sentimentos como ansiedade, nervosismo, felicidade, paciência, cansaço e resiliência, promovidos por meio da interação com a turma e com a professora nos espaços da escola. Essa experimentação do campo de atuação, da troca entre os sujeitos, permitiu-nos conhecer as possibilidades do fazer pedagógico encontradas na nossa área de estudo. Sobre esse aspecto, o Estágio Supervisionado em ensino de Biologia é a porta de entrada para a confluência entre teoria e prática, é a vivência e o aprendizado sobre a área de atuação do profissional, é o estabelecimento de novas possibilidades de laços com os alunos (RODRIGUES; YAMAGUCHI, 2020).

Posto isso, experimentar todas as facetas entrelaçadas nas vivências do estágio é essencial para a formação profissional do educador, pois o processo formativo vai muito além da observação e da regência; estagiar é refletir diariamente sobre os momentos vivenciados, é interpretar cada sentimento despertado ao entrar e sair da sala de aula (SILVA; COSTA, 2022). Assim, as experiências desenvolvidas neste espaço foram significativas e cruciais para a nossa formação docente, pois tornou possível conhecer e refletir acerca das realidades enfrentadas por uma professora da escola, pelos estagiários, bem como as dificuldades dos alunos no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA) e as barreiras vivenciadas para o funcionamento de uma escola.

As experiências relatadas neste trabalho ocorreram no âmbito da EJA e os meses de convivência com o público foram suficientes para levantarmos a reflexividade crítica acerca do que foi observado. Nessa perspectiva, presenciamos o quanto esse público é marcado pelo esquecimento do Poder Público, por lutas, resistência e persistência para continuar na escola. Os sujeitos protagonistas das turmas que frequentamos na EJA são marcados por pluralidades e características em comum por serem, na maioria, trabalhadores.

Segundo Araújo e Barzano (2020), o educador que trabalha com a EJA não pode agir de modo deslocado desta realidade de seus educandos-trabalhadores, o ideal é pensar em estratégias de ensino que mais se adequem a esse contexto. Sob esse viés, a EJA é destinada aos maiores de 15 anos e busca desenvolver um ensino de qualidade para pessoas que não puderam permanecer na escola na idade adequada, de modo que possam retornar à escola e concluir seus estudos (SILVA; MENA; OLIVEIRA, 2019).

A disciplina de ES discrimina que devemos atingir a carga horária obrigatória de 30-45 horas em sala, desenvolver uma atividade de extensão e uma regência. Desse modo, acompanhamos duas turmas da EJA, a quarta etapa (8º e 9º ano do Ensino Fundamental) e a primeira etapa (1º e 2º ano do Ensino Médio) durante à noite. As idas à escola iniciaram em agosto e se estenderam até novembro de 2022, ambas as turmas tendo aulas de Ciências e Biologia com a mesma professora, que nos acompanhou

durante todo o percurso. Durante a experiência, foram desenvolvidos material didático, atividades e assistência pedagógica aos alunos por todo o processo.

Baseado nos aspectos supracitados, nossas vivências de estágio foram desenvolvidas no âmbito institucional da Universidade Federal do Pará, *Campus* de Bragança, no contexto da disciplina “Estágio Supervisionado IV: EJA - Ensino Fundamental e Médio”, nos domínios da E.E.E.F.M. Coronel Aluizio Pinheiro Ferreira. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo relatar as experiências de estágio docente, enfatizando os processos formativos que envolvem a nossa formação inicial.

EXPERIÊNCIAS QUE TOCAM, ATRAVESSAM E TRANSFORMAM:

(Des)encontros na busca por estágio e contato com a EJA – Um de nossos desejos enquanto estagiários é poder atuar em uma escola próxima ao nosso lar, visto que após uma rotina cansativa na universidade o percurso a pé para a escola-campo não seria um problema. Nesse contexto, não tivemos a eventualidade de encontrar uma escola próxima de nossas casas, dotada de vagas na EJA para darmos início ao estágio. Antes de encontrarmos nossa escola-campo, passamos por três outras que ofertavam a modalidade em questão e, atualmente, não trabalham mais com este público.

Ao perguntar se havia oferta da modalidade EJA, as respostas eram sempre as mesmas: “São poucas as escolas que ainda ofertam EJA por aí”, “Não ofertamos mais”. Perante o exposto, refletimos acerca da baixa oferta de vagas na EJA no município de Bragança, uma vez que retornar à escola depois de certo tempo afastado é um desafio por si só para esse público e, certamente, a busca por instituições que ainda ofertam a modalidade deve ser um impasse maior, tornando o acesso à educação mais distante.

Relacionado aos aspectos acima, Serra *et al.* (2018) retrata que os subsídios essenciais para a EJA nunca foram efetivos, entre os quais se pode citar políticas públicas que visam à integração e permanência dos estudantes, mesmo que a oferta de vagas e o acesso à educação sejam direitos constitucionais assegurados. Nesse ínterim, é urgente a necessidade de um olhar mais sensibilizado para esses sujeitos historicamente marginalizados, criando mecanismo para que, além de aumentar a oferta de vagas, haja

incentivos governamentais para que seja maior o número de escolas que atendam essa modalidade.

Após encontrar a instituição que, por quatro meses foi nossa 3^o casa, nos debruçamos sobre a escola-campo que permitiu inúmeras reflexões e momentos essenciais à nossa construção profissional. No primeiro contato com a direção da escola foi harmonioso e não demonstraram nenhuma divergência em relação a nossa presença na escola; foram flexíveis e comentaram sobre gostarem de receber estagiários. Tal fato contribuiu para nossa permanência na instituição de ensino, cujo cenário favorável tornou aquele espaço oportuno para construir experiências significativas para o nosso processo formativo.

Apesar da frustração na busca por vagas, as expectativas e anseios sobre estagiar nesta modalidade ainda eram efervescentes, visto que nossa impressão acerca do público era de que se constituía de pessoas mais velhas; logo, mais maduras e esclarecidas. Na verdade, ao chegar na sala de aula nos deparamos com uma realidade distante do imaginado, com alunos que tinham 17-24 anos. Nesse sentido, Filho, Cassol e Amorim (2021) abordam que, inicialmente, o atendimento da EJA se dava para uma faixa etária notoriamente mais avançada, com sujeitos mais velhos. No entanto, está ocorrendo um processo de descaracterização do público no qual as idades estão decrescendo, tornando o público mais jovem, fenômeno chamado de juvenilização da EJA.

No primeiro contato com a turma observamos o quanto eram marcados por pluralidades e histórias de vida que contribuem na construção do corpo escolar. Nesse interstício e relacionando a pluralidade com o ensino-aprendizagem, fica claro que a apropriação teórica, sozinha, não é suficiente para o ensino. É necessário que proporcionemos aos alunos diversas formas de aprender, valorizando outros saberes destes (FREIRE *et al.*, 2019). Essa pluralidade faz parte do cotidiano escolar e acompanha os diferentes níveis de aprendizagem, sendo essencial o diálogo entre professor e alunos, o qual se reflete no processo como um todo, visto que não existe uma forma universal de aprender.

Ressignificando práticas e (re)construindo identidade docente – Durante as observações, presenciamos uma única modalidade de ensino ofertada pela professora colaboradora, a qual se prendia nos conceitos, nas práticas de caráter mais tradicional e ao uso exclusivo do livro didático. Por vezes, este recurso era o verdadeiro regente da aula, pois era comum passar muitas horas seguidas apenas copiando trechos do livro selecionados pela professora. Junto disso, a mesma disse que sua estratégia de ensino se baseia em: (i) copiar assunto do livro na primeira aula; (ii) realizar a explicação no encontro seguinte; (iii) propor atividade de pesquisa ou exercícios que culminam em pontos avaliativos; e (iv) aplicar a prova quando chegar o período escolar de avaliação.

Visto isso, Segundo Neto e Souza (2018), cabe a superação da concepção de que apenas abordagens conceituais são desejáveis, frente ao reconhecimento dos diversos campos que integram a vida em sociedade, entendendo-se as competências e habilidades como necessárias ao desenvolvimento pleno dos estudantes. Somado a isso, a Base Nacional Comum Curricular afirma ser necessário “exercitar a curiosidade intelectual e recorrer à abordagem própria das ciências, incluindo a investigação, a reflexão, a análise crítica, a imaginação e a criatividade” (BRASIL, 2018, p. 9), colocando em pauta a necessidade de explorar diferentes metodologias para um ensino-aprendizagem mais significativo.

No que diz respeito à metodologia adotada pela docente, ressalta-se que o ensino baseado na mera transmissão de conceitos tem pouco impacto na construção de saberes. Para tanto, Ortiz e Denardin (2019) apontam que é necessário investir em um pluralismo metodológico que permita o exercício de novas formas de ensinar os diversos assuntos. Junto disso, adotar práticas/estratégias diferenciadas no ensino oportuniza aos educandos desenvolver novas habilidades para além do intelectual e cognitivo, estimulando/valorizando outras inteligências que acompanham os estudantes.

Para além das metodologias de ensino da professora, enfatizamos que nunca presenciamos estímulos de diálogo para conhecer as diferentes realidades inseridas na sala de aula e formas de entender as dificuldades dos alunos. Era comum ver a professora entrar na sala, cumprimentar todos e partir para a exposição dos conteúdos,

dispensando interações mais afetuosas e que aproximem os sujeitos da sala, quer sejam alunos ou estagiários.

Partindo desse relato, é importante assegurar uma boa relação entre professor-aluno, dado que, assim como um professor tem potencial de mudar a realidade de um aluno, o mesmo pode mudar a realidade do professor através do diálogo e trocas de vivências. Nesse ponto de vista, ressaltamos que essa abordagem promove bloqueios emocionais e suprime o sentimento de pertencimento àquele ambiente educacional.

A despeito disso, Ferreira e Ribeiro (2019, p. 100) retratam que “a afetividade é um estado psicológico que desempenha um papel importante no desenvolvimento do sujeito e que é responsável pelas suas relações sociais”. Assim, ressaltamos que a afetividade faz parte do processo de escolarização e merece espaço de discussão frente a importância e necessidade socioemocional em se constituir como parte do cotidiano escolar, perpassando os sujeitos que nele desenvolvem suas atividades e contemplam o convívio dos alunos.

Nessa conjuntura, ressaltamos as lacunas existentes no elo entre professora-estagiários, pela ausência de trocas com a docente, uma vez que nossa passagem foi de caráter mais passivo; não por falta de interesse e boa vontade, e sim por não nos sentirmos à vontade e com nosso potencial explorado. As atitudes da professora não promoveram bem-estar para que tivéssemos mais iniciativas, visto que, segundo Silva Júnior *et al.* (2019), estamos imersos em uma relação de interdependência entre os sujeitos que nos cercam, que interfere diretamente nas ações e posicionamentos. Baseado nisso, experienciamos uma relação com a professora, que ao invés de contribuir no processo formativo, limitou as intervenções pedagógicas que nós poderíamos desenvolver.

Papel do professor na construção de momentos/espços significativos – Considerando os aspectos supracitados sobre a turma e a professora, ressaltamos nosso esforço e dedicação, pois nos mostramos dispostos à elaboração de atividades, materiais e auxílio em sala de aula. Com isso, criar momentos significativos na formação docente é um processo que exige esforços do docente e estagiários. Sobre isso, Marçal (2015, p. 91)

afirma que “esta disponibilidade demanda um movimento pró-ativo do professor e do aluno durante o processo formativo”, pontuando que estes momentos oportunizam o desenvolvimento de habilidades e competências e permitem a aplicação de estratégias didático-pedagógicas somativas na sala de aula. Entretanto, encontramos barreiras nas tentativas, pois a professora demonstrava pouco interesse e entusiasmo.

Partindo para um episódio acerca de um tema abordado em sala, Nascimento (2016) diz que o ensino de Citologia carrega problemas durante o fazer pedagógico, pois se trata de uma temática de cunho abstrato. As células são microscópicas e precisam de maior aparato laboratorial para visualização, fato que não corresponde com a realidade da maioria das escolas brasileiras que, sequer, possuem laboratório de aulas práticas. No entanto, não devemos depositar o sucesso/ocorrência das aulas práticas e experimentais de Ciências apenas à presença/ausência de um laboratório. Devemos ampliar as estratégias de ensino, criando meios para que os alunos vejam as células, estruturas e funcionamento, reconhecendo que fazem parte do seu ser e dos demais organismos.

Nesse contexto, construímos uma maquete que representava o modelo de membrana plasmática. A construção demandou esforços e o investimento financeiro, resultando em um recurso que subsidiasse certas demandas do ensino de Citologia, mas a professora não fez uso deste durante a aula. Apesar disso, a recepção da turma foi bastante satisfatória, pois os alunos relataram que a aquisição de processos citológicos se tornou mais simples, apesar das dificuldades conceituais. Nesse viés, Duarte e Santos (2022) pontuam que “os modelos concretos são tridimensionais e construídos com materiais resistentes, auxiliam nas interpretações espaciais essenciais à compreensão da morfologia”, que no viés microscópico se traduz pela melhor assimilação de processos.

Em relação ao ocorrido, Benites, Sarti e Neto (2015, p. 106) discorrem que o professor atua na Educação Básica e recebe estagiários durante os anos de profissão, mas não é orientado pela escola ou universidade sobre o papel desta prática formativa para os estagiários. Desse modo, é natural que não sejam estimulados a refletir sobre as competências ligadas a essa função e como podem conduzir o estagiário durante sua

passagem. Para os mesmos autores, o professor deve “inserir o futuro profissional no contexto de trabalho na escola para que este experimente o lugar docente”, fato que não pudemos experienciar através do nosso estágio, visto as limitações e falta de encorajamento da professora colaboradora.

Ultrapassando muros e barreiras entre escola-universidade – Historicamente, as instituições escolares próximas da universidade são privilegiadas por visitas/parcerias, promovendo divulgação científica e benefícios dos recursos e materiais universitários. Visto a necessidade de estabelecer vínculos maiores entre as escolas mais distantes da academia, as disciplinas de estágio atuam como elo entre essas esferas institucionais (SALVADOR; SOUZA; MORAIS, 2021). Dessa forma, os estagiários levam novas perspectivas e referenciais educacionais da prática, enquanto o professor colaborador compartilha os saberes adquiridos ao longo dos anos de prática, fato que aproxima esses espaços e pessoas, promovendo maior interação entre ensino, pesquisa e extensão.

Em paralelo a isso, o mesmo não poderia ser dito para a escola-campo que estagiamos, visto que sua localização era mais distante do *Campus* da universidade, corroborando com os aspectos supracitados em relação à localização geográfica. A exemplo disso, poucos professores da nossa instituição conheciam a escola e, quando sabiam de sua existência e localização, ainda não haviam desenvolvido atividades por lá, logo, não conheciam a realidade e necessidades daquele espaço, bem como dos seus sujeitos.

Durante nossa experiência, pudemos mapear a realidade escolar e decidimos atuar de forma mais significativa através de intervenções pedagógicas. Nesse sentido, entre as atividades obrigatórias de estágio, precisamos criar uma prática de extensão no âmbito escolar partindo das necessidades locais. Com isso, durante um encontro de estágio na universidade, a professora supervisora explicou sobre a atividade e pediu sugestões. Essa foi a oportunidade que vimos de aproximar os elos entre a escola e universidade, então propusemos que a turma fosse para a nossa escola-campo. Ambas as professoras gostaram da sugestão e, em conjunto com os colegas de classe, amadurecemos a ideia.

A prática de extensão, por sua vez, partia da divulgação científica dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos da turma de Ciências Biológicas 2019, a qual fazemos parte. Com isso, os alunos se reuniram por grupos de afinidade temática; por exemplo, os alunos que atuavam na Genética se agruparam para levar os materiais que estavam disponíveis para consulta e apreciação do público. No dia da prática, a direção articulou as turmas para que todas participassem durante a manhã, tornando a visita um sucesso. Tais ações corroboram com o que Pereira e Oliveira (2019) trazem sobre a importância de atividades extensionistas para a sociedade enquanto funções sociais da universidade, as quais dialogam com ensino e pesquisa, sobretudo no contexto de estágios docente.

Dessa forma, para Behrend, Cousin e Schmidt (2019), a formação docente é um espaço fulcral para estabelecer relações, debates e investigações entre Educação Básica e Ensino Superior. É nesse contexto que o ES se estabelece como meio facilitador para o ensino-aprendizagem, pesquisa e reflexão da prática dos estagiários e seu potencial na atuação e intervenção no meio escolar, contribuindo de forma significativa para o crescimento e aperfeiçoamento deste espaço e dos sujeitos que dele fazem parte.

CONCLUSÕES DE NARRATIVAS NA EJA:

Baseado nas vivências apresentadas, o ES foi uma peça fundamental na nossa formação, pois a partir dele conhecemos a realidade de uma escola e evidenciamos que a docência não é apenas “encantamento”, mas repleta de dificuldades no fazer pedagógico. Apesar dos (des)encontros em sala de aula, pontuamos que as experiências contribuíram no nosso caráter formativo, pois promoveram inúmeras reflexões sobre a nossa prática na formação, bem como das atitudes assumidas com os alunos. Ressaltamos que todas as experiências são válidas e contribuem na construção da identidade docente, quer sejam com exemplos ou contraexemplos de como pretendemos agir enquanto professores.

Ainda, fica claro que a EJA é uma modalidade marcada por lutas e exclusão dos tecidos sociais. Considerando que é um direito constitucional, almejamos que seu acesso seja garantido a todos e que haja o fortalecimento de políticas públicas associadas a esta

modalidade. Para além da oferta de mais vagas para esses sujeitos, esperamos que a escola, a partir de ações e currículo, leve em consideração as necessidades desses protagonistas, articulando a educação de maneira efetiva à realidade destes. Sendo assim, a EJA é imprescindível, pois é o espaço onde a classe trabalhadora encontra meios e recursos para dar continuidade ao que lhe foi negado na idade certa.

Esta experiência reforçou que a educação deve ser construída de acordo com a realidade que o educador esteja inserido. Nesse sentido, esperamos que a professora em questão possa encontrar meios de acesso à formação continuada, promovendo o fortalecimento de ações positivas na sua prática docente, reinventando-se e ressignificando a sala de aula para estimular a aprendizagem dos alunos, beneficiando-os através de abordagens metodológicas diferenciadas. No tocante ao processo de ensino-aprendizagem, esperamos que haja mais estímulos e apoio aos educandos para que o desenvolvimento escolar seja de qualidade e mais significativo, trazendo novos horizontes e perspectivas.

Por fim, esperamos que a relação escola-universidade possa se estreitar, de modo que estas esferas fulcrais à sociedade caminhem de forma mais entrelaçada para melhoria e aperfeiçoamento do ensino. Almejamos que haja mais investimentos e políticas públicas que visem a consolidação e fortalecimento de ações extensionistas no âmbito escolar, a fim de que haja mais devolução e impacto das contribuições científicas oriundas do ensino superior nos tecidos sociais, sobretudo no contexto da EJA.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, S. C. B.; BARZANO, M. A. L. Desafios para a formação docente de jovens e adultos: um olhar para o ensino de Ciências e Biologia. **Horizontes**, Itatiba, v. 38, n. 1, 2020.

BEHREND, D. M.; COUSIN, C. S.; SCHMIDT, E. B. A relação interinstitucional entre escola e universidade no contexto dos estágios curriculares supervisionados. **Laplage em Revista**, Sorocaba, v. 5, n. 1, Jan./Abr., 2019.

BENITES, L. C.; SARTI, F. M.; NETO, S. S. De mestres de ensino a formadores de campo no estágio supervisionado. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 45, n. 155, Jan./Mar., 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

DUARTE, A. C. O.; SANTOS, L. C. Uso de modelos tridimensionais no ensino superior nas disciplinas de embriologia, citologia, genética e biologia molecular. **Research, Society and Development**, [S.l.], v. 11, n. 12, 2022.

FERREIRA, G. R.; RIBEIRO, P. R. M.. A importância da afetividade na educação. **Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, Araraquara, v. 21, n. 1, Jan./Jun., 2019.

FILHO, A. A. S.; CASSOL, A. P.; AMORIM, A. Juvenilização da EJA e as implicações no processo de escolarização. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 112, Jul./Set., 2021.

FREIRE, D. F. *et al.* Práticas pedagógicas na EJA: a valorização dos saberes dos indivíduos no processo de escolarização. **Seminário Nacional e Seminário Internacional Políticas Públicas, Gestão e Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 7, n. 7, Mai., 2019.

MARÇAL, S. F. Estágio Supervisionado em Ciências como extensão universitária: atividade significativa para formação de professores de Ciências Biológicas. **Raízes e Rumos**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, Dez., 2015.

NASCIMENTO, J. V. **Citologia no ensino fundamental: dificuldades e possibilidades na produção de saberes docentes**. 2016. 107 f. Dissertação (Mestrado em Ensino na Educação Básica) – Universidade Federal do Espírito Santo, Centro Universitário Norte do Espírito Santo, São Mateus, 2016.

NETO, N. A. L.; SOUZA, S. R. M. Flores e dores: emoções e a ética da vida para um ensino de Ciências e Biologia. **Revista temas em educação**, João Pessoa, v. 28, n. 2, Mai/Ago., 2018.

ORTIZ, G. S.; DENARDIN, L. O Pluralismo Metodológico e as Inteligências Múltiplas no Ensino de Circuitos Elétricos. **Acta Scientiae**, Canoas, v. 21, n. 5, Set./Out., 2019.

PEREIRA, A. S.; OLIVEIRA, A. M. A experiência extensionista no estágio supervisionado de química: o projeto de integração escolar. **Revista Brasileira de Extensão Universitária**, [S.l.], v. 10, n. 3, Set./Dez., 2019.

RODRIGUES, C. N.; YAMAGUCHI, K. K. de L. Relato de experiência estágio supervisionado de ensino IV: biologia no ensino médio noturno em uma escola pública estadual no município de Coari, Amazonas. **Revista Ensino, Saúde e Biotecnologia da Amazônia**, Coari, v. 2, ed. especial, Out., 2020.

SALVADOR, M. S. S.; SOUZA, N. R. L.; MORAIS, N. R. Entre contextos e práticas: a importância do estágio supervisionado para a formação docente e para as relações entre

universidade e escola. **Revista Eletrônica Educação Geográfica em Foco**, [S.l.], v. 5, n. 9, Apr., 2021.

SANTANA, I. C. H.; SANTOS, F. A.; SILVEIRA, A. P. Formação inicial de professores de Biologia: o Estágio Supervisionado como momento de reflexão sobre a prática. **Revista Educação, Psicologia e Interfaces**, [S.l.], v. 4, n. 2, Abr/Jun., 2020.

SERRA, E.; VENTURA, J.; ALVARENGA, M.; REGUERA, E. Interrogando o direito à educação: oferta e demanda por Educação de Jovens e Adultos no estado do Rio de Janeiro. **Crítica Educativa**, Sorocaba, v. 3, n. 3, Ago/Dez., 2018.

SILVA JÚNIOR, A. P. *et al.* As implicações da configuração interdependente entre estagiários e professores supervisores no estágio curricular supervisionado em Educação Física. **Motrivivência**, Florianópolis, v. 31, n. 60, Out./Dez., 2019.

SILVA, D. C.; MENA, E. O.; OLIVEIRA, C. F. B. O Estágio Supervisionado na formação inicial em Ciências da Natureza: relato de experiência. **Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, Cidade, v. 5, ed. especial, Abr., 2019.

SILVA, T. R.; COSTA, O. A. A escrita de narrativas autobiográficas de professores de Biologia em Formação Inicial. **Revista de Educação, Ciências e Matemática**, [S.l.], v. 12, n. 3, 2022.

SOUSA, L. M.; INDJAI, S.; MARTINS, E. S. Formação inicial de docentes de Biologia: limites e possibilidades do Estágio Supervisionado no ensino médio. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, Fortaleza, v. 2, n. 2, 2020

Acesse <https://doity.com.br/validar-certificado> para verificar se este certificado é válido. Código de validação: 10HRRB-A





ENCONTRO
REGIONAL DE
ENSINO DE
BIOLOGIA

CERTIFICADO

Certificamos para os devidos fins que o trabalho intitulado: (DES)ENCONTROS ENTRE EXPECTATIVAS NA EJA E REALIDADE DAS VIVÊNCIAS: EXPERIÊNCIAS NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO de autoria de ANTONIA JAMILLE SANTOS BIZERRA, WILLIAM LIMA DA COSTA, RAFAELA LEBREGO ARAÚJO foi apresentado na modalidade Comunicação oral, integrando a programação do III Encontro Regional de Ensino de Biologia - Norte, realizado no período de 30/08/2023 à 01/09/2023, na Universidade do Estado do Amapá, na cidade de Macapá-AP.

Macapá-AP, 01 de setembro de 2023.

Danielle Dias da Costa
Prof.ª. Dra. Danielle Dias da Costa

Coordenadora Geral do III EREBIO - Regional Norte

Lêda Valéria Alves
Prof.ª. Dra. Lêda Valéria Alves

Vice-diretora da SBenBio - Regional Norte

AMAZÔNIA,
O ANCESTRAL É ATUAL

REALIZAÇÃO
SBenBio

UEAP

SECRETARIA DE CULTURA

ESTADO DA EDUCAÇÃO

PARCEIROS
AMAPÁ

TRANSFORMAÇÃO

APOIO

REALIZAÇÃO

